

APRENDER COM A EXPERIÊNCIA DOS MAIS VELHOS

O saber acumulado pelas gerações é um bem precioso. Aproveitá-lo, aprendendo com as boas experiências tanto como com as menos boas do passado é uma excelente forma de evitar cair nos mesmos erros ou deixar escapar as boas oportunidades. A experiência do passado ensina-nos tudo o que é preciso para os dias de hoje? Certamente que não. Os tempos em que viveram os nossos pais ou avós foram outros, os seus problemas não são já os nossos problemas, assim como os nossos problemas não serão iguais aos dos nossos filhos. Então, que aprender com eles?

O que a experiência dos mais velhos nos pode dar é uma “sabedoria”, um entendimento alargado das questões, uma forma de as ver menos circunscrita ao imediato e ao contingente, uma prudência resultante da acumulação de muitas situações vividas, muitas decisões avaliadas, muitas evoluções seguidas e ponderadas.

Em todas as civilizações e culturas o parecer dos velhos foi sempre tomado em conta e respeitado - não pelo simples facto de serem velhos, mas porque representam uma continuidade, por assim dizer, já fora das convulsões e choques do presente. Na sociedade contemporânea, tende-se a não dar grande uso à sabedoria dos mais avançados na idade. Mas não valeria a pena aproveitá-la?

No meu tempo...

A figura do velho rezingão e mal-humorado, queixando-se de tudo e de todos nestes tempos que já não reconhece como seus, não é só da literatura ou do teatro que a conhecemos: rara será a pessoa que não conhece, ou não tem mesmo que conviver com a repetição, a propósito de tudo e de nada, desta frase inevitável - “No meu tempo...” a que se segue um extenso rol de queixas acerca do que actualmente é péssimo e dantes era excelente, das pessoas que hoje se comportam de maneiras que “no seu tempo” não seriam admitidas, duma juventude que não respeita nada nem ninguém como dantes, etc. E um facto que, muitas vezes, quando se chega a apurar concretamente a excelência daqueles tempos passados se descobre que não foram tão bons como aquelas pessoas o dizem, e que a sua imaginação deformou muito as memórias... “No meu tempo...”

Difícilmente se podem convencer aquelas pessoas de que a sociedade evoluiu, as condições em que hoje têm de viver as famílias e as instituições não são as mesmas que conheceram as gerações anteriores, a que emergiram razões para mudanças de comportamento que são perfeitamente razoáveis e não indiciam que por aí a civilização e o mundo que conheceram estejam em risco de se perder. Não entenderiam, nem aceitariam, mas também não é dessa atitude de rejeição de tudo o que é novo e diferente que pode vir o que de bom se pode recolher da experiência dos mais velhos.

O que importa é comparar as condições e as limitações em que tiveram de actuar com aquelas que temos nos que enfrentar; ponderar da justeza ou da imprudência das suas decisões e acções, e ver se não têm analogia com as que se nos deparam para tomar e reflectir sobre se as consequências não podem vir a ser também análogas; considerar o que esteve na raiz dos seus eventuais sucessos, e avaliar se também se encontra nas acções que pensamos empreender. Isto, no fundo, porque a natureza humana não mudou substancialmente com o suceder das gerações, nem os seus anseios mais fundos, nem os seus defeitos e lacunas, nem as suas qualidades e reacções!

Essa “sabedoria”, essa capacidade de ver para lá do presente olhando com os olhos do passado, como se este permitisse ver de longe e do alto o que a curta visão do imediato tende a impedir-nos de ver, o que importa recolher da experiencia dos mais velhos.

E nós, em relação aos mais novos?

E nos adultos, com responsabilidade de educar os mais novos? Não tendemos também a impor-lhes frequentemente a fatídica frase - “No meu tempo....”?

Ora se nos aborrece e falta paciência para a ouvir dos já idosos, seguida do interminável rol de comparações ácidas acerca dos desvarios e desgovernos do presente, como não irritara os jovens que estão numa fase da formação das suas personalidades em que a necessidade de afirmação se volta naturalmente contra o que lhes parece ser mais uma acusação do que um conselho ou um modo de orientação. Intimamente, são levados a redarguir “Sim, mas o meu tempo é agora, e é outro bem diferente!...”, e toda a lição ou intenção de orientar e aconselhar é subvertida por essa rejeição.

Ao procurar transmitir aos mais novos a experiencia que acumulamos, e o desejo de que eles a aproveitem para que possam evitar erros e fugir de perigos que conhecemos, todo o cuidado deve ser posto em não criar neles a impressão de que achamos que eles nada sabem, nada do que fazem é tao bom como o que nós fazíamos “no nosso tempo” e que se quiserem ser alguém deverão ser como nós.

Adultos, tendemos a esquecer que não só entre grupos com interesses e origens várias, ou pessoas de varias convicções e modos de vida deve haver aceitação e coexistência, mas que também devem existir entre idades e fases de desenvolvimento da personalidade.

Nessa perspectiva, ajudar os jovens a evitar perigos, adquirir hábitos e competências, cultivar valores e transmitir-lhes “sabedoria” não deve passar nunca pela confrontação da sua condição com a que vivemos “no nosso tempo”.

Muito mais eficazmente, muito mais judiciosamente, compete aos adultos mostrar, com paciência e delicadeza, que também eles cometeram erros, também eles tiveram alegrias e se expandiram em manifestações de personalidade e afirmação, mas que não gostariam que os jovens cometessem os mesmos erros, ou tivessem menos alegria, personalidade e afirmação que eles tiveram.

O processo de transmissão da experiência da vida entre gerações não é coisa que se faça por receita ou imposição; é como uma lenta destilação, que vai preenchendo os espaços da interrogação, da dúvida e da inquietação com a confiança e o exemplo. E esse lento e contínuo processo, para ser eficaz, não é obra de técnica - é obra de amor, dedicação e atenção.